

Entrevista em 09 de março de 2007 com o Babalorixá Alberto de Iansã.

Márcia: A casa tem quantos anos de aberta?

Pai Aberto: Aqui 20 anos, mas nós viemos lá da Vila Kenedy. E lá tínhamos oito anos de aberta. Ficou pequeno lá e a gente passou pra cá que já está pequeno também.

M: Na verdade o terreiro tem 28 anos?

A: Exatamente.

M: Qual é o endereço lá?

A: Rua Lucimar Guimarães nº 74 – Conjunto Sargento Miguel Filho - Vila Kenedy.

M: Quando a casa foi fundada lá era pequeno?

A: Sim. Era uma casa dessas de conjunto e aí houve a necessidade de abrir casa de Orixá, e se improvisou ali por que ali tinha pouca gente no começo. E aí foi crescendo, crescendo, muita gente e pouco espaço e mudamos pra cá que seria, a princípio, ideal. Mas já está pequeno e nós esse terreno ao lado para ver se amplia. Foi ampliado em cima, mas o espaço não está dando. [...] Aqui é um conjunto pequeno, estou aqui há vinte anos e todo mundo me conhece e existe um respeito mútuo entre a gente, entre as igrejas inclusive, a gente se dá com todo mundo e todo mundo se dá com a gente. Há um respeito.

M: Tem algum terreiro próximo daqui?

A: Tem um monte aqui. Eu fui um dos primeiros, quando eu cheguei aqui tinha um terreiro do Celso de Ogum e outro de uma senhora que faleceu no ano retrasado, eu fui o terceiro.

M: São da mesma família de santo?

A: Não eles são Opô Afonjá.

M: A casa aqui é de Ketu?

A: É Ketu, Engenho Velho.

M: Você tem a data de quando veio pra cá?

A: 19/04/1987 se não me engano.

M: Como é o nome aqui?

A: Ilê Axé Oya Funké

M: quantos anos você tem de santo?

A: Trinta e seis anos de iniciado.

M: Quem é o seu Pai ou Mãe de santo?

A: Yá **Detinha** de Xangô.

M: É viva?

A: É sim. É lá de Santa Margarida, aqui em Campo grande.

M: Você tem muitos filhos de santo?

A: Cerca de setenta [...].

M: Quais são os cargos de santo da casa?

A: Tem Ogans **Alabe Oluilu, Axogum, Pejigam, Opa Otum, Ossi alabe, Otum Alabe, Ossi Axogum, Otum axogum**. Ao todo são dezessete ou dezoito Ogans.

M: E de Ekedí?

A: Ekedí nós temos labassé, Temos uma Ekedí **labassé, latebexe**.

M: Tem gente que fala que labassé não pode ser Ekedí.

A: Olha, até onde eu sei a labassé tem que ser um cargo de yabá e se possível de Oxum ou de Oyá. E isso não interfere no Orixá. É um cargo que pode ser de Ekedí como pode ser de **[Vodum]** também.

M: As pessoas Falam que labassé só pode ser rodante.

A: Não tem nada a ver.

A: Tem labassé, tem **latebexé**, tem **Igixé**, é a encarregada de bater o **ejé**. Tem a **lalaxô**, que toma conta do quarto de roupa do Orixá. Tem **Otum, Ossi**. São ao todo dez Ekedis. Eu separo a função de cada uma. Então eu separo como se fosse uma encarregada por todos. Que vai pedir conta da função de cada um. Então fica tudo muito organizado. Tem as pessoas que puxam pena, tem as que lavam os axés. Tem a labassé da cozinha do azeite, tem a labassé da cozinha de branco, que é de Oxalá.[...] Os Ogans são todos organizados. Tem o que corta o **[Axogum]** do quarto de **Odi**, tem o **axogum** do quarto de **Odi**. [...] Cada um presta conta do serviço que fez. [...] A confusão maior está com as Yaôs, por que elas são complicadas [...] mas tem a **laegbé** da casa que organiza isso direitinho. Põe um pra descansar, que já trabalhou demais. Põem as mais velhas, as mais antigas, que já são senhora de sessenta, setenta anos de idade, sentadas. As senhoras também são complicadas por que elas querem fazer, elas acham que as outras fazem tudo errado [...] Eu falo para os meus filhos de santo que mudar de casa é mudar de defeito. Por que toda casa de santo tem os seus defeitos, mas não existe aquela casa de santo cem por cento boa, e se você encontrar alguma, acredito eu não sei se é pretensão minha, que seja um teatrinho para turista ver. Por que o bonito da sala do Candomblé é ver aquela harmonia. As pessoas dançando, as pessoas cantando. Mas os bastidores do candomblé é complicado, tem que se administrar tudo com mão de ferro por que senão você não dá conta. Primeiro que onde tem muita gente tudo mexe, tudo quebra, tudo some. [...] Mas eu acho que na soma de tudo, tudo é muito bom por que não existe pai de santo que queira fechar sua casa de santo.[...] Na soma é muito maravilhoso por que ninguém é só defeito, as pessoas também têm virtudes. Na natureza humana é assim e a gente que aprender a conviver com as diferenças.

Por que aqui no Brasil o pai de santo foge muito das suas funções, ele acumula quase todos os cargos da casa de santo. Eu creio que para ser um bom

zelador de santo você tem que saber de tudo. Por que você tem que comandar, e como e que você vai pedir conta de uma coisa que você não sabe fazer. E o outro ponto é que você passa a ser psicólogo, amigo, comparsa, confidente. Então você não resolve só o problema com o orixá. É a filha de santo que tem problema com o esposo, com a vizinha, ou ta com problema no trabalho, ou tem um problema qualquer de depressão, um problema qualquer mal resolvido, uma coisa mal externada que tem que buscar. Por que na verdade o que você é o bem estar do filho de santo e esse bem estar não é só matar galinha, não é só cortar. É um todo, você não pode ver a pessoa só como filho de santo, não tem como separar isso. Eu tenho amigos que conseguem ser só zeladores de santo.[...] Eu acho isso desumano. A pessoa busca na religião o bem estar, o aconchego. E o bem estar é um todo. Fica muito complicado você só cuidar do Orixá. O Orixá dá caminho dá caminho, o Orixá traz paz. Traz tudo isso, mas não ensina a gente a viver. E viver fora da casa do orixá é matar um leão por dia.

[...] Eu fiz santo com dez anos de idade e abri casa de santo com dezessete para dezoito anos de idade, e se eu morresse amanhã eu faria tudo de novo.

M: Qual é o seu santo?

A: Eu sou de Iansã.[...] Eu costumo falar para as pessoas que entre o pedir e o receber tem o merecer. E nisso o pai de santo é impotente. Por que se você arrega obrigação e você merece graça nesta obrigação, você vai ter a graça desta obrigação. Mas isso é uma relação de você com o seu Orixá. O pai de santo está ali para ser o veículo que vai oferecer, vai ofertar a oferenda, que vai direcionar a energia, mas se você vai obter alguma graça com isso depende do seu merecimento. [...]

M: Por que você é um sacerdote na religião mas não tem todos os poderes.

Pai Aberto: Exatamente. O ebó tem força? Tem força. A energia existe? Existe sem dúvida. Mas a mão de Deus é que vai decidir o teu destino. Se você precisa ou não passar por certas situações na sua vida, e dar esta consciência ao filho de santo eu acho que é um papel do pai de santo. Por que a grande diferença ente o Candomblé e essa religião de crentes é que o povo de santo ascende a vela e quer o milagre[...] e o crente não. Ele não tem arroz pra comer, mas ele vai para a igreja, reza, e se você perguntar como está a vida dele, ele responde: Jesus ta me provando. Nada atinge a fé. A fé da religião afro brasileira é muito mercenária. É toma lá, dá cá. Se o Orixá não der o emprego ou o amor que você queria, você vai embora por que essa casa de santo não presta. [...] A culpa é de muitos zeladores de santo que vendem a idéia desta forma: “vem aqui, me dá um tanto de dinheiro que você resolve”. E não é assim que a coisa funciona, é preciso fé. Eu ouvi de uma entidade que a imagem do santo é feita pra quem tem devoção. E é verdade. Se não tiver devoção a imagem é barro. Se não tiver fé o que a gente tem é uma tigela com uma pedra dentro. Não é isso? E como dizia a minha lalorixá: “Por amor ao santo a gente beija a pedra”. [...] Um dos exercícios do zelador de santo é fazer a prática da fé. É ensinar a fé.

M: Tem alguma história dentro do terreiro que você gostaria de contar?

A: Olha eu fiz santo dentro de uma casa de tradição no Candomblé descendente do Engenho Velho e cresci no meio das senhoras antigas. Muitas se foram e muitas estão vivas. Dona **Obganjou**, Dona Beata, fazem parte da minha infância no Candomblé.[...] E eu aprendi muita coisa no Candomblé. Por ter feito santo muito criança e ter vivido muito tempo dentro de Keto. Então para mim era muito complicado administrar. Por ser criança eu achava aquilo muito mágico. Então eu achava que nós somos a única religião que pode abraçar o seu Deus.[...] Eu achava muito mágico viver num mundo de homens e Deuses, que a gente vê possuído ou não. A gente sente a presença do Orixá a cada minuto. E a bagagem de vida? Elas eram quase todas analfabetas, mas davam um show de sabedoria. [...] A casa de Candomblé tem que ter criança, elas representam a continuidade, o futuro. E os velhos a tradição. [...] Eu prefiro frisar o aprendizado do respeito. Você aprende a respeitar o velho, aprende a respeitar o novo. Aprende a respeitar as diferenças. Por que o Candomblé não bota muito rótulo. Você pode ser homossexual, ter a vida que você quiser levar, que pro Orixá você é igual, a tua conduta não é de pecado, de tabu. [...] O que é a iniciação de santo? É o nascimento né? Na África está mais ligado ao casamento, ao ritual.

M: Como assim?

A: Por que na África esse ritual do recolhimento, tanto que os nossos noviços nós chamamos de Yaô, que é uma palavra para noiva na cultura loruba. Esse ritual é o ritual do casamento na cultura loruba. Onde a noiva vem da casa do pai, fica recolhida no quarto alguns dias, e aí ela sai da sala para ser apresentada pro noivo três vezes em três dias diferentes até o dia da festa que é no final de dezessete dias. E que vai ser entregue ao noivo, ao marido. Aí é pintada com as insígnias tribais, tem toda uma história. Claro que nessa indumentária toda não tem anágua.

M: Anágua é uma coisa nova.

A: A anágua eu acho que está ligada ao Orixá como a coisa da liberdade. Por que na época da escravidão só quem usava anáguas eram as sinhás, eram as libertas. Então o que o africano escravo quis dizer com isso? Que eles eram escravos mas o Orixá não.

M: Eu pensava mais no sentido da cópia da sinhazinha.

A: Não. Eu acho que antes das sinhás os Orixás já botavam anáguas, as escravas não. Sim, as senhoras da **barroquinha**, das primeiras casas de Candomblé já usavam as gomas no Orixá. Elas mesmo não usavam por que eram escravas. Isso é uma coisa minha, dessa coisa do escravo que não pode calçar o sapato, mas leva o sapato no ombro para dizer que é liberto.

[...] O nosso Orixá é o nosso ancestral mais antigo, então o culto da ancestralidade é isso, o culto de você acreditar. Por que o Orixá vem de onde? Vem do chão como os zitanos falam? Vem do céu? Não, eu acho que o Orixá vem de dentro de você, é o seu eu mais escondido.

M: É a força da natureza dentro de você.

A: Exatamente. E isso o africano sabe bem por que ele classifica as pessoas pelos elementos. Ou a pessoa é fogo, terra, água ou ar. E isso também está na cultura chinesa. Então você vê que é um povo analfabeto, um povo sofrido, mas é um povo de profunda inteligência.

M: Quais as festas de calendário que tem todo ano?

A: Eu faço as festas aqui igual a meus parentes de santo lá em Salvador. [...] As festas são todas em Janeiro e Fevereiro, e aqui eu faço Junho e Julho todo ano. Então a primeira festa do ano eu dou o presente de Exu, que é sempre no dia sete. Depois a segunda festa é de **Ogum, Ode, agué** no primeiro sábado de Junho. O segundo domingo é Urubagé, o terceiro é Xangô e as labás, o último domingo é **Ibeji**. O primeiro sábado de Julho é a festa de mãe Iansã e o segundo sábado de Julho é a festa de Oxalá. Eu faço uma festa para caboclo em maio e termina as festas.

M: Por que festa de Oxalá você faz em Julho e não em Janeiro como no Engenho Velho?

A: Justamente por causa disso, eu vou para a Bahia. Todo mês de Janeiro eu tenho que adaptar, por que além das festas aqui eu tenho as festas da minha lalorixá, tenho as festas em Salvador que eu gosto de ir. Eu tenho vários filhos de santo com casa aberta e então eu tenho que estar. Então eu tenho que me adaptar. Ta bom, o período de Janeiro entre aspas né, por que a semana em loruba é de três dias, então não tem nada a ver com nosso mês, nem com nossa semana aqui, então certamente a festa de **loludu** e **Ité** não é em Janeiro. E eu tenho a concepção do seguinte: Já que é para receber homenagem tanto faz né.